

Resenha de: Soprano, Germán. 2016. *¿Qué hacer con las fuerzas armadas?* Educación y profesión de los militares argentinos en el Siglo XXI. Buenos Aires: Prometeo Libros.

Rev. Bras. Est. Def. v. 5, nº 2, jul./dez. 2018, p. 197-201

DOI: 10.26792/RBED.v5n2.2018.75070

ISSN 2358-3932

SUZELEY KALIL MATHIAS

Na construção das jovens democracias recém-saídas de regimes burocrático-autoritários de base militar, um dos aspectos mais valorizados pelos especialistas é a solução da equação entre exercício de autoridade civil e autonomia militar. No tratamento da temática na América do Sul, um grande volume de livros, de diferentes especialidades, foi e é produzido por autores argentinos. Um dos mais promissores entre eles é o antropólogo Germán Soprano, que brinda o público com *¿Qué hacer con las fuerzas armadas?* Educación y profesión de los militares argentinos en el Siglo XXI.

O objetivo do livro, expresso já no título, é analisar a educação e a profissão militar na Argentina do século XXI. Para tanto, o texto é dividido em duas partes. A primeira é dedicada ao estudo da estrutura legal que emoldura a formação das forças armadas desde os anos 1990 até 2015, quando se completa a série de reformas introduzidas pelo governo civil no intuito de criar um profissional que respondesse aos desafios contemporâneos da defesa.

Na segunda parte, Soprano dedica-se a apresentar abrangente estudo sobre a Armada argentina, começando por mostrar sua inserção no desenho da defesa e das forças armadas, discutindo a formação de seus membros, oficiais e subalternos, bem como apontando para o que é o profissional militar. O último capítulo é destinado, como é próprio dos textos antropológicos, a apresentar o estudo etnográfico realizado, suas dificuldades, abrangências e limites.

Acompanhando estudiosos como Rut Diamint, Ernesto Lopez e Marcelo Sain, o livro tem como ponto de partida a contestação da tese corrente de que houve controle da autonomia das forças armadas por meio do exercício da autoridade pelo poder civil, construído ao longo do processo de transição do regime burocrático-autoritário para o governo democrático. Soprano mostra, ao contrário, que tal tese não se sustenta,

Suzeley Kalil Mathias – Professora Livre-Docente em Ciência Política, Programa de Pós-Graduação “San Tiago Dantas”, pesquisadora Pq-2 CNPq e GEDES-UNESP.

que o efetivo controle civil sobre os militares aconteceu em momentos muito breves e específicos, com destaque para o período em que esteve à frente do Ministério da Defesa Nilda Garré (2005-2010). Nas palavras de Soprano (p. 63),

[...] até a gestão de Nilda Garré (2005-2010), no Ministério da Defesa, as Forças Armadas argentinas mantiveram consideráveis graus de autonomia na condução da defesa e, em particular, nas decisões relativas ao desenho de políticas, gestão e avaliação da educação militar [...]

É central no livro, pois, a discussão das medidas colocadas em prática neste período, que revelam não apenas a condução da política de defesa por parte do governo civil, mas o exercício de uma gestão objetivando a definitiva inserção das Forças Armadas ao regime democrático, o que implicou na constituição de uma equipe civil no Ministério de Defesa — equipe da qual o autor fez parte — com vistas a promover as necessárias mudanças para a construção de forças armadas preparadas — porque educadas e profissionalizadas — para atuar como instrumentos de uma política de defesa democrática.

O livro descreve toda a legislação referente às forças armadas desde a ascensão de Raúl Alfonsín (1983-1989) ao governo, o que representa o colapso do regime burocrático-autoritário, apontando as idas e vindas nas tentativas de controle civil da arena militar e, ao mesmo tempo, a resistência das forças armadas na busca de manutenção de certo grau de autonomia. Conforme progride-se na leitura, é possível perceber que os avanços em matéria de políticas públicas de defesa foram menores do que os esperados, o que se deu justamente pela falta de envolvimento dos civis do que por resistência dos militares, mormente depois dos levantes *carapintada* (1988, 1989, 1990).

Concentrando a atenção sobre a gestão Nilda Garré, observa-se o interesse da ministra em introduzir no ministério o conhecimento desenvolvido pelo campo civil para a defesa — o que é feito a partir da criação de comissões de especialistas com o fito de avaliar os diferentes setores da defesa que, no caso aqui estudado, centra-se na educação militar —, de forma a desenhar políticas públicas efetivas para o aprofundamento democrático. Nesse processo, Soprano, em conjunto com outros acadêmicos,¹ participou ativamente como funcionário do governo, podendo estudar e promover desde o próprio governo a reforma do setor castrense.

No âmbito específico da educação militar, Soprano descreve como o ministério da Defesa promoveu a reforma no ensino. Ele informa que foi feita uma investigação, incluindo audições com oficiais das forças armadas, se-

minários com especialistas e o estudo de outros modelos educativos, entre os quais o brasileiro. Cabe destacar, pelo que nos afeta, que no intercuro de um dos eventos sobre o “modelo brasileiro”, pode-se ouvir “...comentários críticos nas comissões, por considerá-lo [o modelo brasileiro] defasado relativamente aos processos de ‘modernização’ e ‘profissionalização militar’ em curso em distintos países” (p. 127).

Lembramos que o “modelo brasileiro” é composto por quatro sistemas distintos e pouco relacionados de ensino — o civil e o de cada uma das forças armadas (Armada, Exército e Aeronáutica) —, que pouco convergem e que formam profissionais cuja expertise tem quase nenhuma sinergia com as demais profissões militares ou civis. O ensino militar superior no Brasil não responde a nenhum controle do ministério da Educação e sequer informa sobre quais métodos pedagógicos foram incorporados às suas escolas.

Na sequência de sua apresentação, Soprano informa que o sistema educativo argentino está regulado por um só corpo legal: a Lei 24.521/1995, sobre educação superior, a Lei 26.206/2006, de educação nacional, e a Lei 26.058/2005, de educação técnico-profissional. Esse conjunto de regulamentos sustentam as decisões e controles de todo o ensino no país por meio do Conselho Nacional de Educação. Tais leis representam, pois, a superação da autonomia militar no âmbito da educação e resultaram em um único sistema educativo no país.

A segunda parte do livro é dedicada ao que o autor chama de “profissão militar”. Nela, ele apresenta a reestruturação processada na Marinha desde o fim do regime burocrático-autoritário até a primeira década do século XXI. A discussão travada nesta parte é, na verdade, um exemplo da construção de uma nova formação do militar argentino para atender às especificidades da política de defesa definida na democracia.

Partindo das reformas legais — há uma ampla descrição da legislação da defesa e do processo legislativo para chegar-se ao corpo legal que rege a Defesa e as Forças Armadas —, Soprano vai levando o leitor a navegar por toda a estruturação da Marinha, apontando não apenas o que se compreende como um profissional de cada uma das armas e escalões dessa Força, mas principalmente como vai-se combinando as necessidades da defesa, a percepção dos atores civis e dos militares no desenho da Armada argentina. Nessa digressão, o antropólogo se preocupa especialmente em conhecer e apresentar ao leitor as concepções dos membros da Marinha na constituição do “ser militar”.

Entre as muitas qualidades do livro, sublinhe-se a discussão proposta sobre a construção dos suboficiais como uma “burocracia subalterna”. Partindo da tipologia weberiana de burocracia, Germán confronta a realidade conhecida no processo de desenvolvimento do suboficial com as

funções exigidas por uma burocracia moderna. Nesse percurso, aparentemente sem querer, propõe uma nova forma de avaliar as profissões que são o cerne mesmo da burocracia — no caso concreto, os suboficiais da Marinha argentina —, criando uma forma diversa de avaliar as distintas burocracias, provocando no leitor a necessidade de um novo olhar sobre suas próprias realidades burocráticas. Embora advirta que seu estudo da burocracia deva ser complementado com outros sobre setores burocráticos argentinos, penso que este capítulo, fundamental, propõe um modelo para analisar as realidades burocráticas de países que, como a Argentina, foram produto da colonização.

Repetindo os estudos etnográficos, o último capítulo é dedicado a descrever o processo dialógico que fundamenta a investigação empreendida. Nesse momento, Soprano leva-nos a acompanhá-lo em sua viagem pelos mares argentinos. Aqui salta aos olhos a sensibilidade do antropólogo para, ao mesmo tempo, ser parte e estranhar-se NO seu objeto de estudo. Soprano é humilde em admitir o quão difícil foi a tarefa de, a um só tempo e lugar, superar preconceitos, promover empatia (tornar-se e sentir-se como um suboficial de Marinha) e distanciar-se para compreender seu interlocutor — que é, ao mesmo tempo, emissor e receptor da mensagem.

A leitura empreendida deixou a sensação de que quicá o que seja uma incompletude do texto apresentado por Germán seja um esforço comparativo maior. Porém, contra tal perspectiva, importa dizer que, em nenhum momento, esta é uma proposta do autor. Ao contrário, desde a primeira até a última linha de seu elegante texto, ele nos lembra que seu objetivo é analisar etnograficamente a educação e a profissão militar argentina. E Soprano o faz com tal maestria que nos brinda com uma nova maneira de olhar as forças armadas de nossos países e até estudar outras categorias burocráticas. Por isso mesmo, entre os não poucos livros produzidos pela academia argentina sobre suas forças armadas, *¿Qué hacer con las fuerzas armadas?* Educación y profesión de los militares argentinos en el Siglo XXI, deve ser leitura obrigatória.

NOTAS

1. Entre os acadêmicos envolvidos, vale a pena mencionar Sabina Frederic, autora de *Las trampas del pasado: las Fuerzas Armadas y su integración al Estado democrático en Argentina* (Fondo de Cultura Económica, 2013), que também descreve, desde outro ponto de vista e com outras finalidades, o mesmo processo vivido e etnografado por Sopano no livro em tela.

